

Quando a lama de rejeitos de minério da barragem que estourou em Minas Gerais chegou a Baixo Guandu, Noroeste do Estado, em novembro do ano passado, impedindo o tratamento da água do Rio Doce, foi preciso encontrar uma alternativa para não deixar a população sem abastecimento. A prefeitura fez, em quatro dias, uma captação provisória e precária de outro rio, o Guandu. Essa intervenção feita às pressas, que seria temporária, aguarda até hoje obras para se tornar permanente.

“Nossa expectativa é que a empresa (Samarco) cumpra com o prometido e faça as obras definitivas e também a ampliação da estação de tratamento de água e adutora que vai até Mascarenhas”, diz o prefeito de Baixo Guandu, Neto Barros. Além disso, há também o pedido de uma estação que trate do esgoto, para que não fosse jogado no rio. Tudo custaria em torno de R\$ 30 milhões.

Ele diz que na época do rompimento da barragem, há um ano, foi prometido que a intervenção permanente seria realizada, mas desde então não foi mais procurado para falar do assunto. “Estamos aguardando ainda que seja cumprido o prometido. A decisão é de usar a água do Rio Guandu daqui para frente, como estamos fazendo. Não tem volta para o Doce”, explica Barros. Isso porque nem o prefeito, nem os moradores da cidade, confiam na água do Doce.

Os sistemas alternativos de captação de água em diante são responsabilidade da Fundação Renova, que cuida das ações de reparação e recuperação das áreas afetadas pela lama de rejeitos. A Renova diz que as obras em Baixo Guandu estão previstas, mas não informa quando.

Em Colatina, cidade que ficou impedida de tratar água do Doce por uma semana em novembro do ano passado, existe medo de voltar a passar pela situação caótica, principalmente com a chegada das chuvas que devem trazer os rejeitos que ainda estão caindo no complexo de barragens. Lá a Samarco já concluiu uma captação alternativa, do Rio Santa Maria, que falta testar. Outra está sendo feita no Rio Pancas, que tem previsão de entrega no mês que vem. “Essas duas juntas têm o objetivo de suprir 50% da demanda da cidade, o que é uma segurança grande”, diz o prefeito de Colatina, Leonardo Deptulski.

O município capta 400 litros por segundo. Com os dois rios, mais a possibilidade de um poço (que tem 40 litros por segundo de vazão, mas cuja água precisaria de um pré-tratamento), 60% estaria garantido em caso de paralisação do uso de água do Doce. “Manteríamos a cidade abastecida com rodízio”, explica Deptulski.

As alternativas de captação, en-

# Provisório até hoje

## Captação de água no Rio Guandu foi feita de forma precária e ainda aguarda obra definitiva

Carla Sá carla.sa@redegazeta.com.br

Raquel Lopes rflopes@redegazeta.com.br

EDSON CHAGAS



### Desconfiança

Com a saúde frágil, Maria Bernardino dos Santos, 73, de Colatina, não confia na água tratada do Rio Doce e não consegue ir até uma nascente. Mas um filho sempre busca para ela. “Já tomei essa água tratada do rio, é diferente. Tem cheiro forte e gosto diferente.”

retanto, tem outro problema, a seca. O Rio Santa Maria e o Pancas, hoje, estão com as vazões bastante baixas. O jeito é depositar esperanças. “Mas no período chuvoso eles vão ter água”, diz o prefeito.

Além disso, foram investidos R\$ 1 milhão da empresa nas Estações de Tratamento de Água (ETA) em Colatina, para melhorar os filtros e a estrutura geral. Isso tudo faz parte do plano emergencial, hoje comandado pela Renova, com base nos cenários que podem surgir com as chuvas. O planejamento também inclui estoque Tanfloc, potente coagulante usado para tra-

tar água com turbidez alta, e até carros-pipa.

### LAGOA NOVA

Embora não abastecesse a cidade com o Rio Doce, mas sim o Rio Pequeno, em Linhares, a prefeitura teve prejuízo com a passagem da lama de rejeitos. Na semana em que aconteceu o estouro da barragem de Fundão, o município, que também sofre efeitos da seca, tinha acabado de inaugurar um ponto de captação alternativo justamente do Rio Doce.

“Como perdemos esse investimento, que era um plano B por conta da crise hídrica, require-

EDSON CHAGAS



### Para cozinhar e beber

A cada duas semanas o mecânico Marcos Fernandes, 45, busca 150 litros de água em uma nascente, em Colatina, que sua família usa para cozinhar e beber. “Acho que vamos conseguir voltar a beber a água do Rio Doce, mas vai demorar uma década.”

32

### milhões de metros cúbicos de rejeitos

entre partículas de minério de ferro, sílica e outros foram despejados de Fundão e percorreram o Rio Doce, segundo a Samarco. 80% dessa lama ainda está parada entre a barragem em Mariana e a Usina Risoleta Neves (Candonga), na Zona da Mata (MG)

mos que a empresa fizesse uma nova em outro local”, destaca o secretário de desenvolvimento de Linhares, Luciano Cabral.

O ponto escolhido foi a Lagoa Nova. Em 60 dias, a Samarco entregou a obra pronta. “Vamos lançar mão se for necessário por conta da seca. Por enquanto continuamos usando a água só do Rio Pequeno”, diz Cabral.

Já em Regência, localidade que era abastecida pelo Doce, até hoje os moradores recebem a água tratada em carros-pipa. No entanto, está sendo instalada uma ETA móvel na vila, para fazer o abastecimento com poço.



O professor João Paulo, 32, enche galão com água em uma nascente do bairro Francisco Simonassi, em Colatina. Ele e a família não consomem água do Rio Doce

# Saga constante por nascentes

Bicas e água mineral são opção em Colatina. Mas, sem recurso, há quem beba água do Doce

“Nunca mais usei água do Rio Doce para consumo. Não confio em oferecer para os meus filhos por mais que façam o teste. Não é 100% confiável”, diz o professor João Paulo Lievori, 32, enquanto enche um de seus três galões nas mangueiras ligadas a uma nascente no bairro Francisco Simonassi, em Colatina. As nascentes ainda são uma alternativa para muitos que têm medo do recurso tratado do Doce, assim como a água mineral. Mas, sem condições financeiras, tem morador que bebe o que sai das torneiras.

Pelo menos quatro bicas continuam sendo utilizadas pela população para pegar água por lá. Outras foram fechadas pelos donos das propriedades porque houve confusão. “Tava virando bagunça, tinha gente tomando banho, enchendo caminhão...”, conta o mecânico Sebastião Nascimento, 52.

A peregrinação até os pontos que sobraram é grande. Muita gente usa o recurso para cozinhar e dar banho em crianças. Porém, para



EDSON CHAGAS

## Últimas garrafas

Desempregada e sem poder comprar mais garrafas, Célia Regina Ferreira, 54, ainda tem água que foi distribuída pela Samarco. Quando acabar, voltará a tomar a do Rio Doce. “Não tenho receio.”

beber, compram água mineral. Os galões custam de R\$ 6 a R\$ 10.

Entretanto, há quem não possui carro para ir até uma bica e se abastecer com muitos litros e também

não tem condições de arcar com o gasto das garrafas de água mineral. “Ainda tenho água distribuída pela Samarco. Quando acabar, vou usar a que vem do rio”, ressalta Célia

Ferreira, 54, auxiliar de costura que está desempregada. Ela usa o que sai das torneiras para cozinhar e o filho dela, de 14 anos, já bebe água do Doce “e nunca teve problema”.

## GUERRA POR ÁGUA

O bairro em que Célia mora, Honório Fraga, foi um dos que teve briga e confusão na fila de distribuição de água pela Samarco. Na época, o exército teve que controlar a entrega das garrafas e pedras eram colocadas pelas pessoas logo cedo marcando lugar na fila.

A situação foi a mesma em São Marcos, onde mora o pedreiro Solivan Alves, 52, que, desempregado, dedica seu tempo a buscar água nas bicas para os vizinhos que não têm condições. “Já tentei beber a água tratada do rio. Não desce”, pontua. Ele acredita, entretanto, que um dia o Doce voltará a ser o que era. “Tenho esperança, mas para as próximas gerações”, diz.

O prefeito da cidade, Leonardo Deptulski, explica que os padrões da água tratada estão den-

tro dos estabelecidos pelo Ministério da Saúde para consumo. “Fazemos análises diárias custeadas pela Samarco para ter toda a segurança. Mas o aspecto visual foi muito forte para a população”, comenta sobre o rio ter ficado laranja. Quando as pessoas conseguirem confiar de novo? “Só vai se resolver com o tempo.”

“  
Já tentei beber a água tratada do Rio Doce. Não desce. Enquanto tiver condições, vou à nascente buscar água”

—  
SOLIVAN ALVES  
PEDREIRO, 52 ANOS

**Ajuda  
entre  
vizinhos**

A lama de rejeitos de minério inundou as plantações e destruiu toda produção das terras onde o agricultor Ailton Reis Santos, 49, trabalhava, em Regência, Linhares, à beira do Doce. Para sobreviver, agora, ele diz que a vizinhança se ajuda como pode, arranjando trabalhos temporários e conseguindo doações. "A gente se vira, um dando força para o outro. A lama acabou com tudo."

FOTO: Edson Chagas



# Mutirão da ajuda

Estudantes fizeram melhorias em comunidades afetadas e criaram filtros para tornar água potável

« O rompimento da barragem da Samarco prejudicou quem dependia da água do Rio Doce. Situação que mexeu com alunos de uma escola de São Paulo e outra do Espírito Santo. Mesmo vivendo a quilômetros da tragédia, eles resolveram levar um pouco de alívio a quem foi afetado por ela e mostrar o significado da palavra solidariedade.

Cerca de 50 adolescentes, com idades entre 13 e 16 anos do Instituto Sidarta, em Cotia, São Paulo, decidiram trocar a tradicional viagem de formatura e praticar o "volunturismo". Com isso, eles ajudaram moradores de Regência com projetos elaborados a partir das necessidades da comunidade.

Eles realizaram seis ações no local: a pintura da escola de educação infantil, a criação de um parque sensorial para os alunos da creche, a criação de dois parques de bambu, a revitalização da biblioteca comunitária, criação de composteiras coletivas para os moradores e o desenvolvimento de um site.

Para uma das alunas, Lígia França Bezerra, de 15 anos, a experiência foi enriquecedora. "Olhar mais para o outro é muito importante e a felicidade

de das crianças e das comunidades é gratificante. Eles foram muito receptivos, ficaram muito felizes."

**LIMPEZA DA ÁGUA**

A solidariedade também foi mostrada por cerca de 40 alunos, da 8ª série da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio dos Santos Neves, em Boa Esperança, no Estado.

Os estudantes desenvolveram filtros de retenção de minérios com materiais reciclados, areia e pedra, que devolvem 75% da potabilidade da água. Foram 55 filtros distribuídos em Regência.

Quando a gente entregou os filtros, as pessoas falaram que a gente tinha ajudado e que se sentiram importantes. A gente aprendeu a tabela periódica e a história de vida dessas pessoas", afirma a aluna Iandra Souza Pereira, 15.

**PRÊMIO NACIONAL**

O projeto "Filtrando as lágrimas do Rio Doce" fez com que o professor de Ciências e Química Wemerson da Silva Nogueira, 25 anos, fosse eleito o Educador do Ano. O prêmio é uma iniciativa da Globo e do Grupo Abril, organizado pela



Adolescentes de São Paulo ajudaram moradores de Regência

Fundação Victor Civita em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

"Nos colocamos no papel de pessoas humanas, sendo capazes de ajudar ao próximo através do projeto", diz.

Mas a maior vitória foi melhor a vida de quem dependia do Rio Doce, principalmente em Regência. "Foi uma grande salvação para o povo ribeirinho, estávamos todos sofrendo sem água", comenta Josias Moreira, morador de Regência.

**CONTINUA****▼ Leia amanhã**

Obras para evitar que a lama que está no complexo de barragens desça com a chuva. Conheça projetos de reparação de danos socioambientais para o Rio Doce.

**▼ www.gazetaonline.com.br**

Veja mais depoimentos de vítimas e vídeo de Bento Rodrigues após desastre.

## “Rio Doce foi vítima de ganância”

« A principal razão para o rompimento da barragem de Fundão foi a ganância da Samarco e de suas controladoras, Vale e BHP Billiton. É o que afirmou o procurador da República Jorge Munhós, ontem, em Vitória, durante reunião dos Ministérios Públicos do Trabalho, Federal e Estaduais de Minas e Espírito Santo. Os representantes dos órgãos afirmaram que a prioridade é buscar soluções extrajudiciais para reparar os danos, mas que ações judiciais não estão descartadas.

Segundo Jorge Munhós, documentos internos comprovam que a empresa tinham conhecimento do risco de rompimento da barragem. De acordo com o procurador, a mineradora omitiu informações para continuar com as operações. A Samarco refutou a denúncia do MPF, alegando que a instituição descon siderou as defesas e depoimentos apresentados ao longo das investigações que comprovariam que a empresa não tinha qualquer conhecimento prévio de riscos à sua estrutura. (Rafael Barros)